

H.G. WELLS

ilustrações de Ligia Camolesi tradução de Beatriz Zaparoli

TORDSILHAS FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2024



Por que Ler este Clássico?, VII

- 1. A Chegada do Estranho, 2
- 2. As primeiras impressões do Sr. Teddy Henfrey, 12
 - 3. As Mil e uma Garrafas, 20
 - 4. O Sr. Cuss Conversa com o Estranho, 28
 - 5. A Invasão à Paróquia, 38
 - 6. A Mobília que Enlouqueceu, 44
 - 7. A Revelação do Estranho, 50
 - 8. Em Trânsito, 62
 - 9. O Sr. Thomas Marvel, 66
 - 10. A Visita do Sr. Marvel a Iping, 76
 - 11. Na Coach and Horses, 82
 - 12. O Homem Invisível perde a calma, 88
 - 13. O Sr. Marvel fala sobre a sua demissão, 96

14. Em Port Stowe, **102**

15. O Homem que Corria, 112

16. No Jolly Cricketers, 116

17. O visitante do Dr. Kemp, 124

18. O Homem Invisível Dorme, 136

19. Alguns princípios básicos, 142

20. Na Casa da Great Portland Street, 152

21. Na Oxford Street, 164

22. Na loja de departamentos, 172

23. Em Drury Lane, 182

24. O plano que fracassou, 194

25. A procura pelo Homem Invisível, 202

26. O assassinato de Wicksteed, 208

27. O cerco à casa de Kemp, 214

28. A caça ao caçador, **226**

Epílogo, **236** Sobre o Autor, **239**









estranho chegou no início de fevereiro, em um dia de inverno de ventos cortantes e uma tempestade de neve, a última do ano. Ele caminhava, aparentemente, vindo da estação ferroviária de Bramblehurst e carregava nas mãos, protegidas por grossas luvas, uma maleta preta. Estava agasalhado da cabeça aos pés, e a aba de seu chapéu de feltro macio escondia cada centímetro de seu rosto, exceto a ponta brilhante de seu nariz. Já a neve, que havia se acumulado em seus ombros e seu peito, acrescentava uma camada branca à bagagem que carregava. Cambaleou até a estalagem Coach and Horses mais morto do que vivo, e jogou a maleta no chão.

— Uma lareira — exclamou ele. — Em nome da piedade! Um quarto e uma lareira!

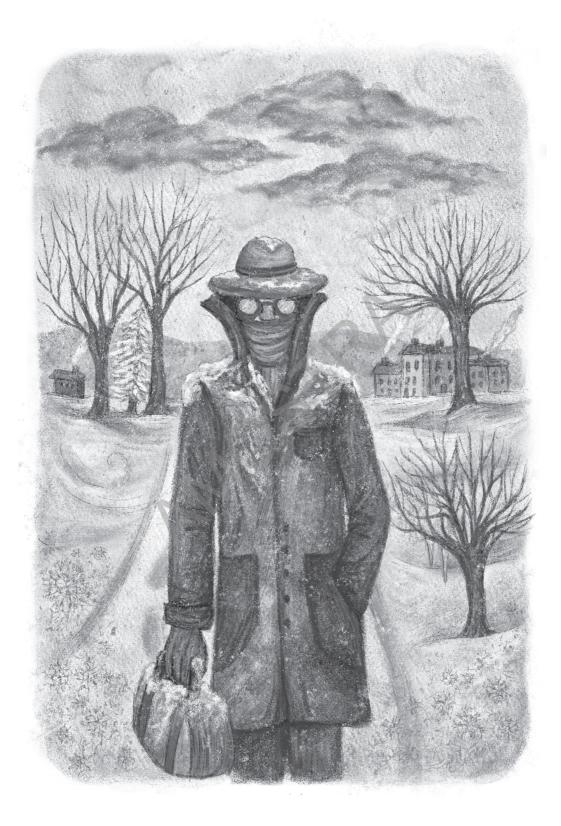
Ele bateu o pé, sacudiu a neve de si no balcão e seguiu a Sra. Hall até a recepção para reservar o quarto. E sem grandes apresentações, deixou algumas moedas na mesa e se alojou na estalagem.

A Sra. Hall acendeu a lareira e o deixou lá, saindo para se preparar uma refeição. Um hóspede aparecendo em Iping no inverno era uma sorte inédita, ainda mais um que não fosse "mão de vaca", por isso ela estava decidida a mostrar-se digna de sua boa sorte. Assim que o bacon ficou pronto, e Millie, sua empregada letárgica, fora repreendida com algumas expressões de desprezo escolhidas a dedo, a dona da pensão levou a toalha, os pratos e os copos para a sala e começou a colocá-los na mesa com o maior estardalhaço. A Sra. Hall ficou surpresa ao ver que, embora o fogo da lareira estivesse queimando rapidamente, seu visitante ainda usava chapéu e casaco e permanecia em pé de costas para ela, olhando pela janela a neve que caía no quintal. Suas mãos enluvadas estavam unidas atrás dele, que parecia estar perdido em pensamentos. Ela notou que a neve derretida em seus ombros pingava no tapete.

- Posso pendurar o seu chapéu e casaco, senhor? perguntou ela.
 Para que sequem na cozinha?
 - Não respondeu ele sem se virar.

Ela não tinha certeza de tê-lo ouvido com clareza, por isso estava prestes a repetir a pergunta.

Ele virou a cabeça e olhou para ela por cima do ombro.



- Prefiro continuar com eles disse ele com ênfase, e ela notou que ele usava grandes óculos azuis cujas lentes se estendiam até as laterais do rosto e que o colarinho do casaco estava para cima, escondendo completamente suas bochechas e seu rosto.
- Muito bem, senhor disse ela. Como desejar. Logo a sala ficará mais quente.

Ele não respondeu e desviou o olhar novamente; e a Sra. Hall, sentindo que seus avanços na conversa eram inoportunos, colocou o resto das coisas na mesa com movimentos bruscos e rápidos e saiu da sala. Quando voltou, ele continuava em pé, como uma estátua, as costas curvadas, o colarinho erguido, a aba do chapéu pingando virada para baixo, escondendo completamente o rosto e as orelhas. Ela serviu os ovos e o bacon com bastante ênfase e elevou o tom de voz:

- Seu almoço está servido, senhor.
- Obrigado respondeu, ao mesmo tempo, o homem, que não se mexeu até que ela fechasse a porta. Só então, ele se virou e aproximou-se da mesa com certa urgência.

Ao passar por trás do bar em direção à cozinha, a Sra. Hall ouviu um som repetido em intervalos regulares. Tlim, tlim, tlim era o som de uma colher raspando em uma vasilha.

— Essa garota! — reclamou a mulher. — Como pode?! Eu já tinha até me esquecido. Ela é lerda demais!

E, enquanto a própria Sra. Hall terminava de misturar a mostarda, direcionou algumas punhaladas verbais a Millie por sua lentidão excessiva. A dona da pensão havia cozinhado o presunto com os ovos, posto a mesa e feito tudo, enquanto Millie (excelente ajudante!) só conseguira atrasar a mostarda. E com um novo visitante querendo se hospedar! Então, a Sra. Hall encheu o pote de mostarda e, colocando-o com certa elegância sobre uma bandeja de chá dourada e preta, levou-a até sala de estar.

Bateu à porta e entrou logo em seguida. Ao fazê-lo, o visitante se moveu rapidamente, de modo que ela conseguiu apenas ver um objeto branco desaparecendo atrás da mesa. Parecia que ele estava pegando algo do chão. A mulher bateu com o pote de mostarda na mesa, então notou que o sobretudo e o chapéu haviam sido tirados e colocados sobre uma

cadeira em frente à lareira, e que um par de botas molhadas ameaçava enferrujar o guarda-fogo. Com determinação, ela retomou o assunto:

- Suponho que agora eu possa levá-los para secar disse em uma voz que não aceitava recusa.
- Deixe o chapéu pediu o hóspede, em voz abafada. Ao virar-se, a Sra. Hall viu que ele havia levantado a cabeça e estava sentado, olhando para ela.

Por um momento, ficou parada e boquiaberta, muito surpresa para falar.

Ele segurava um pano branco – um guardanapo que trouxera consigo – sobre a parte inferior do rosto, de forma que sua boca e mandíbulas estavam completamente escondidas, e essa era a razão de sua voz abafada. Mas não foi isso que assustou a Sra. Hall. Era o fato de que toda a testa acima dos óculos azuis estava coberta por uma bandagem branca, e que outra cobria as orelhas, não deixando nenhum pedaço do rosto exposto, exceto o nariz rosado e pontudo. Era rosa e brilhante, exatamente como quando chegara. O homem usava uma jaqueta de veludo marrom-escura com a gola alta e forrada de linho preta virada para cima. O espesso cabelo preto, escapando como podia por baixo e entre as ataduras, projetava-se em peculiares tufos e chumaços, dando-lhe a aparência mais estranha concebível. A cabeça abafada e enfaixada era tão diferente do que ela imaginara que por um momento ficou paralisada.

Ele não afastou o guardanapo, mas ficou segurando-o, como ela via agora, com uma mão coberta por uma luva marrom, e olhando para ela com seus inescrutáveis óculos azuis.

— Deixe o chapéu — disse ele, falando claramente através do pano branco.

Os nervos da mulher começaram a se recuperar do choque. Assim, ela colocou o chapéu na cadeira perto do fogo novamente.

- Eu não sabia, senhor, que... começou ela, mas parou, envergonhada.
- Obrigado retrucou ele secamente, olhando para ela e para a porta e depois para ela de novo.
- Vou secá-las bem e num instante, senhor disse a mulher, e carregou as roupas para fora do local. Quando ia deixando o ambiente,

a Sra. Hall olhou de relance para a cabeça enfaixada de branco e para os óculos azuis; mas o guardanapo ainda tampava a frente de seu rosto. Assim que fechou a porta, a dona da pensão estremeceu um pouco; havia surpresa e perplexidade estampadas em seu rosto.

— Isso é novidade... — sussurrou ela. — Como é que pode?

A Sra. Hall andou bem devagar até a cozinha e, ao chegar lá, estava apreensiva demais para perguntar a Millie o que ela estava aprontando no momento.

O visitante sentou-se e ouviu os passos da Sra. Hall se afastando. Olhou inquisitivamente para a janela antes de afastar o guardanapo e recomeçar a refeição. O homem deu uma garfada, olhou desconfiado para a janela, deu outra garfada, levantou-se e, pegando o guardanapo na mão, atravessou o quarto e abaixou a persiana até o topo da musselina branca que cobria as vidraças inferiores. Isso deixou a sala em uma penumbra. Feito isso, voltou com um ar mais tranquilo à mesa e à refeição.

— O coitado do homem sofreu um acidente ou passou por uma operação ou algo assim — especulou a Sra. Hall. — Só posso afirmar que aquelas bandagens me deram um bom susto!

Ela colocou mais carvão no fogo, desdobrou o varal e estendeu o casaco do viajante.

— E aqueles óculos! Ora, ele parecia mais um capacete de mergulho do que um humano! — Pendurou o cachecol dele no canto do varal. — E segurando aquele lenço sobre a boca o tempo todo. Falando por trás daquilo! Talvez a boca também esteja ferida... é uma possibilidade.

Ela se virou e disse, como se lembrasse de algo repentinamente:

— Pela misericórdia divina! — E mudou de assunto. — Você ainda não fez as batatas, Millie?

Quando a Sra. Hall foi retirar as louças do almoço do estranho, ela confirmou a ideia de que a boca dele também devia ter sido cortada ou desfigurada no acidente que ela supôs que o homem sofrera, pois, embora fumasse cachimbo, durante todo o tempo em que ela esteve na sala, ele não soltou o lenço de seda que estava na parte inferior de seu rosto nem para colocar o cachimbo em seus lábios. No entanto, não era esquecimento, pois ela viu que o hóspede prestava atenção conforme o cachimbo queimava. O visitante estava sentado no canto da sala, de

costas para a janela, e agora, depois de comer, beber e se aquecer confortavelmente, falava com menor rispidez do que antes. O reflexo do fogo causava uma espécie de animação vermelha em seus grandes óculos, que até então não tinham.

- Tenho algumas bagagens na estação de Bramblehurst começou o estranho e perguntou a ela se alguém poderia buscá-las. Ele abaixou a cabeça enfaixada educadamente para ouvir a resposta.
- Amanhá? perguntou ele. Não há entrega mais rápida? E pareceu bastante desapontado quando ouviu: "Não".

Ela tinha certeza? Nenhum homem com uma carroça podia buscar?

A Sra. Hall, nada relutante, respondeu às suas perguntas e iniciou uma conversa:

— É uma estrada íngreme, senhor — disse ela, respondendo sobre a carroça.

Então, aproveitando a brecha, disse:

— Foi lá que uma carruagem capotou, há um ano ou mais. Um cavalheiro morreu, além do cocheiro. Acidentes acontecem de repente, não é mesmo, senhor?

Mas o visitante não cederia tão facilmente.

- Acontecem disse ele por trás do lenço, olhando-a silenciosamente através de seus óculos impenetráveis.
- Mas a recuperação demora bastante, não é? O filho da minha irmã, Tom, simplesmente cortou o braço numa foice. Ele caiu sobre ela no campo e, Deus me proteja!, demorou três meses para se recuperar, senhor. Você dificilmente acreditaria. Por isso morro de medo de foices, senhor.
 - Posso entender isso perfeitamente concordou o visitante.
- Ele ficou com medo de ter que ser operado. Ele ficou mal demais, senhor.

O visitante riu abruptamente, um riso latido, que ele mordeu e matou na própria boca.

— Foi *mesmo*? — perguntou ele.

- Sim, senhor. E não teve graça para aqueles que cuidaram dele, como eu, já que a minha irmã tomava conta de seus filhos pequenos. Tinha que fazer muito curativo, senhor, e depois trocá-los. Portanto, se me permite dizer, senhor...
- Você poderia me trazer alguns fósforos? perguntou o visitante, de repente. — Meu cachimbo apagou.

A Sra. Hall foi pega de surpresa. Certamente foi grosseiro da parte dele, diante de tudo o que ela estava contando. A mulher paralisou por um momento e lembrou-se dos dois soberanos. Por isso, foi buscar os fósforos:

— Obrigado — agradeceu brevemente, quando ela os entregou, e virou as costas para olhar a janela novamente. Era muito desencorajador. Evidentemente, ele era sensível sobre o tema das operações e curativos. Ela, então, não "se permitiu dizer". Mas o jeito desdenhoso do hóspede a irritou, e Millie seria a pessoa que sofreria muito naquela tarde devido a isso.

O visitante permaneceu na sala até as quatro horas da tarde, sem dar nenhuma desculpa para intromissão. Na maior parte do tempo, ficou imóvel; parecia que ele estava sentado na escuridão crescente fumando à luz do fogo — talvez cochilando.

Uma ou duas vezes, um ouvinte curioso poderia tê-lo ouvido mexer nas brasas, e pelo espaço de cinco minutos, ouviram ele andar pela sala. Ele parecia falar sozinho. Então, a poltrona rangia quando se sentava novamente.

A Sra. Hall foi buscar uma lamparina, e ele se levantou e se espreguiçou. Então, veio a luz e o Sr. Teddy Henfrey, ao entrar, deparou-se com o homem enfaixado. O relojoeiro ficou, segundo palavras próprias, "perplexo".

- Boa tarde disse o estranho, olhando-o, como diria o Sr. Henfrey ainda em choque com a visão dos óculos escuros, "como uma lagosta".
 - Espero disse o Sr. Henfrey que eu não esteja atrapalhando.
- De forma alguma afirmou o estranho. Embora eu tivesse entendido disse ele voltando-se para a Sra. Hall que este ambiente fosse para o meu uso particular.
- Eu pensei, senhor, que você gostaria de ter o relógio... explicou a Sra. Hall.
- Certamente, mas, via de regra, gosto de ficar sozinho e não ser perturbado. No entanto, estou realmente feliz por ter lidado com essa situação respondeu ele vendo uma certa hesitação nas maneiras do Sr. Henfrey. Muito agradecido.
- O Sr. Henfrey pretendera se desculpar e se retirar, mas esse comentário o tranquilizou. O estranho virou-se de costas para a lareira, colocou as mãos para trás e disse:
- Agora, depois que o relógio for consertado, acho que gostaria de tomar um pouco de chá. Mas não até que o conserto do relógio termine.

A Sra. Hall estava prestes a sair da sala, sem realizar nenhuma tentativa de puxar conversa desta vez, porque não queria ser esnobada na frente do Sr. Henfrey, quando o hóspede perguntou se ela havia tomado alguma providência sobre as suas bagagens em Bramblehurst. A dona da pensão disse a ele que havia mencionado o assunto ao carteiro e que o carregador poderia trazê-las no dia seguinte.

— Você tem certeza de que não pode ser mais cedo que isso? — perguntou ele.

Ela tinha certeza e o afirmou com uma frieza marcante.

- Devo explicar acrescentou o homem —, pois estava sentindo cansaço e frio demais para fazer isso antes, que sou um pesquisador experimental.
 - De fato, senhor disse a Sra. Hall, muito impressionada.



